

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

59

INSCRIÇÕES 271-274



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1998

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO

Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

INSCRIÇÃO RUPESTRE DE SANTA EUFÉMIA (PINHEL)

Nos limites das freguesias do Sorval e de Santa Eufémia, concelho de Pinhel, não muito distante das antigas minas da Senhora das Fontes, há uma inscrição gravada num afloramento granítico de grão médio. O penedo está a cerca de 3 metros do solo, virada a sudoeste. A superfície epigrafada, sensivelmente rectangular, não foi previamente preparada para receber a inscrição. O acesso ao bloco gravado faz-se através de outro penedo situado a cerca de um metro abaixo da inscrição. Os caracteres foram gravados de modo muito irregular e apresentam algum desgaste, sobretudo nas linhas 1 e 3.

Devido à dificuldade de leitura e à falta de paralelos próximos na Península Ibérica para este tipo de formulário, apresentamos duas hipóteses de leitura e interpretação, que deverão ser entendidas apenas como tal:

1:

DI[S]

LEIA DEDIT

PABANICVS

Pabanico ofereceu aos deuses LEIA(?)

2:

DI[S]

LEIA DEDIT

PABANIC(us) V(otum) S(olvit)

Leia ofereceu aos deuses. Pabanico cumpriu o voto.

Dimensões (máximas): 185 x 42 cm.

Campo epigráfico: 80 x 40 cm.

Altura das letras: 1.1: 5/7 (1.º I = 8); 1.2: 5/7 (2.º E = 7,5); 1.3: 6,5/7,5 (B = 9,5; C = 10,5 e S = 8).

Espaços: 1: 3-6; 2: 4-9 cm.

A inexistência de qualquer eixo de simetria é nítido, sobretudo na 3.^a linha que ocupa todo o espaço disponível, até ao limite da pedra. O gravador não deve ter tido muita facilidade de manobra para acabar o S final desta linha devido à dificuldade de acesso ao lado direito da pedra. Talvez por essa razão e também por falta de espaço, os dois últimos caracteres estão gravados em nexa.

A dificuldade da gravação devido à irregularidade do bloco granítico e a inexistência de linhas auxiliares, deu lugar a caracteres bastante irregulares, com forma e tamanho variados e a um alinhamento pouco cuidado, a cair para a direita.

O D inicial é de grandes dimensões. O S da primeira linha quase desapareceu. Há a possibilidade de terem sido gravadas outras letras nesta linha que terão desaparecido.

Na segunda linha o L tem a haste horizontal a descair para a direita e o A não possui travessão horizontal tendo sido substituído por um ponto como, aliás, se verifica nos outros AA da inscrição. A barra vertical do segundo D está bastante desgastada, podendo-se confundir com um O.

O P da 3.^a linha foi gravado apenas com um traço vertical e outro oblíquo de cima para baixo, quase tocando no A. O B foi gravado profundamente mas está desgastado, quase se confundindo com um O. O S final, bastante esguio e inclinado está gravado em nexa com o V, como já foi referido. Os PP gravados com apenas um traço vertical e outro oblíquo e os A sem travessão horizontal, ou substituído por um ponto são conhecidos na epigrafia rupestre da região⁽¹⁾.

Devido à dificuldade em encontrar paralelos para o(s) antropónimo(s) desta inscrição e à falta de pontuação a separar as letras sugerimos, sob reserva, algumas interpretações.

A interpretação da palavra *Leia* como antropónimo apresenta alguma dificuldade. A variante *Lea* está documentada como antropónimo numa inscrição de Hinojosa de Duero (Vitigudino), mas é de interpretação duvidosa⁽²⁾ visto que a inscrição está em mau estado de conservação e não existem paralelos peninsulares para este antropónimo.

⁽¹⁾ COIXÃO, António do N. Sá e ENCARNÇÃO, José d', (1997), *Foz Côa Romana – Notas Epigráficas*, Catálogo da Exposição; RODRIGUEZ COLMENERO, Antonio e. GASPERINI, Lidia (Eds.), (1992), "Saxa Scripta (inscripciones en roca)", *Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafia Rupestre, Santiago de Compostela y Norte de Portugal*, pp. 146-149.

⁽²⁾ MALUQUER DE MOTES, Juan, (1956), *Carta Arqueológica de España. Salamanca*, Salamanca: Diputación Provincial de Salamanca, pp. 68 e 136, n.º 74.

Por outro lado, nesta inscrição de Santa Eufémia não se refere o patronímico, não sendo inédito na epigrafia peninsular. Com efeito, na Hispânia são conhecidos alguns exemplos de indivíduos que se identificam sem a indicação do patronímico. Este tipo de formulário é abundante na epigrafia a norte de Ciudad Rodrigo (de onde se conhece o provável antropónimo *Lea*), e tem características muito próprias que se assemelham ao tipo desta inscrição: o A sem travessão e a não indicação da filiação sobretudo para os defuntos femininos⁽³⁾.

LEIA poderia ser também um antropónimo em dativo com terminação em A, já conhecido na região⁽⁴⁾. No entanto, temos algumas reticências em aceitar esta hipótese pois apareceriam dois antropónimos sem relação aparente entre eles (*Leia* e *Pabanicus*).

Inclinamo-nos para a possibilidade de *Leia* ser constituída por siglas identificativas de teónimos (que não somos capazes de identificar por falta de paralelos) em dativo, para estar de acordo com *Dis*, visto que esta forma exigiria um dativo do plural que não é o caso de LEIA.

Não é inédito a não identificação do Deus ou dos Deuses que se homenageiam. Alguns exemplos documentados no actual território português foram estudados por Encarnação⁽⁵⁾ e poderão atestar a existência de santuários⁽⁶⁾.

Frequente é também a identificação do Deus ou Deuses através de siglas, sobretudo com deuses muito conhecidos como Júpiter ou quando os monumentos epigráficos figuram em santuários⁽⁷⁾. A abreviatura de teónimos está testemunhada numa ara votiva encontrada na aldeia de Santa Eufémia⁽⁸⁾ que poderá ter vindo da estação romana próxima da inscrição rupestre aqui estudada, provavelmente consa-

⁽³⁾ MALUQUER DE MOTES, Juan, (1956), *Carta Arqueológica de España. Salamanca*, Salamanca: Diputación Provincial de Salamanca, p. 37

⁽⁴⁾ CURADO, Fernando Patrício, (1987), “Ara a Aelva, de Famalicão (Guarda)”, *Ficheiro Epigráfico*, 98.

⁽⁵⁾ ENCARNÇÃO, José d’, (1985), “Omissão dos teónimos em inscrições votivas”, *Actas del IV coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas, Veleia*, 2-3, p. 307.

⁽⁶⁾ Segundo o Professor José d’Encarnação, a quem agradecemos a sugestão, a palavra LEIA poderá ser a oferenda feita aos deuses.

⁽⁷⁾ ENCARNÇÃO, José d’, (1985), “Omissão dos teónimos em inscrições votivas”, *Actas del IV coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas, Veleia*, 2-3, p. 307.

⁽⁸⁾ TOMÉ, Maria Luciana Lopes, (1983), “Uma Inscrição Votiva de Santa Eufémia (Pinhel)”, *Ficheiro Epigráfico*, 5, p. 6.

grada a *Reva*, seguido de epíteto⁽⁹⁾). Testemunharão estas epígrafes votivas um templo no local?⁽¹⁰⁾.

Quanto à forma *Pabanicus* ou *Paranicus* (o *B*, apesar de gravado profundamente, está desgastado) podemos estar perante mais um radical *Para* –, já conhecido na região e na *civitas* que engloba este território. O antropónimo *Pabanicus* (ou *Paranicus*) ainda não foi registado na Península Ibérica. Não se conhecem outros exemplares com o radical *Paba*- na Península mas conhece-se o antropónimo *Paramaecus* em Marialva, o teónimo *Paramiolegos* ou os epítetos como *Parameco*⁽¹¹⁾ noutras regiões peninsulares.

Quanto à segunda possibilidade, da invocação aos Deuses em geral sem qualquer especificação particular, são também conhecidos paralelos na Península Ibérica, bem como para o cumprimento da promessa por alguém que não o dedicante. Nesta segunda hipótese estaríamos perante dois antropónimos sem indicação de filiação e desconhecidos até ao momento.

Toda a área está repleta de vestígios de construções romanas (muros, cerâmica de construção, *sigillata* e fragmentos de mosaico) estendendo-se nos terrenos a Oeste, a Sul e a Nordeste do alto onde se encontra a inscrição. Do local da inscrição avista-se o amplo planalto de Marialva e o vale da ribeira do Massueime. Os vestígios romanos ocupam uma área de vários hectares, correspondendo possivelmente uma *villa*.

⁽⁹⁾ ENCARNÇÃO, José d', (1985), "Omissão dos teónimos em inscrições votivas", *Actas del IV coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*, Veleia, 2-3, p. 307.

⁽¹⁰⁾ Curioso é a existência, muito próximo do local de achado das inscrições de Santa Eufémia, de um santuário, afamado na região, sugestivamente conhecido como Senhora das Fontes. Estaremos perante um local de culto com origem romana que, cristianizado, continuou como centro de culto até aos nossos dias? No século XVIII tinha um ermitão que aqui vivia. Os terrenos onde se encontram os vestígios arqueológicos ainda são conhecidos pelo nome de "Tapada dos Ermitães", segundo informações do Sr. José Carapito (a quem agradecemos), que noutros tempos cultivou esses terrenos onde encontrou moedas. Foi também na sua casa que se encontrou a ara acima referida.

⁽¹¹⁾ ALBERTOS FIRMAT, M. Lourdes, (1975), *Organizaciones suprafamiliares en la Hispania Antigua*, Universidad de Valladolid, p. 58; UNTERMANN, Jürgen, (1985), "Los teónimos de la Región Lusitono-Gallega como Fuente de las Lenguas Indígenas", *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (1980), p. 360.

É difícil estabelecer a datação através da epígrafe mas os materiais encontrados na estação romana a que está associada apontam para uma cronologia tardia, dos séculos III ou IV d.C.

MANUEL SABINO PERESTRELO

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALARCÃO, Jorge de, (1988), *Roman Portugal, Vol II, Fasc, 1*, Warminster - England: Aris e Phillips Ltd.

ALBERTOS FIRMAT, M. Lourdes, (1980), "La Onomástica Personal Indígena del Noroeste Peninsular (Astures y Galaicos)", *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, pp. 255-310.

CURADO, F. Patricio, (1985), "Estela de Marialva (Meda)", *Ficheiro Epigráfico*, 47.



FRAGMENTO DE PLACA DE CIDADELHE (PINHEL)

Encontra-se na casa do Sr. José Amado, em Cidadelhe, um fragmento de placa em granito de grão médio da região, de cor amarelada, recolhida próximo da aldeia actual, junto à muralha do “Castelo dos Mouros”, um povoado proto-histórico romanizado. O povoado situa-se num monte com boas condições naturais de defesa, na margem esquerda do rio Côa, a cerca de 10 Km, em linha recta, a Este da capital da *Civitas Aravorum* (Marialva, Meda) em cujo território estaria integrado.

O fragmento corresponde à parte central da placa, estando fragmentada em três lados, não se conhecendo o comprimento nem a largura total. Uma quarta linha terá desaparecido, antevendo-se o início de uma letra. Um outro fragmento da mesma epígrafe desapareceu recentemente. Próximo destes terá sido recolhida outra inscrição que, pela descrição, seria medieval⁽¹⁾.

A parte superior está intacta e não se conhece moldura. A face posterior (sem inscrição) está rudemente afeiçãoada.

Dimensões: (49) x (39) x 14 cm.

Campo epigráfico: (39) x (24) cm.

[...]RENA . I[N...] / [...]CIA . CAE[...] / [...]FVGAT[...]

Altura das letras: l. 1: 9,5; l.2: 6,5; l. 3: 5,5 cm.

Espaços interlineares: 1.º: 2,3; 2.º: 2,3.

Ocupou-se todo o campo epigráfico no sentido da altura. As letras são próximas do tipo de caracteres actuários e foram gravadas com um certo cuidado, separadas por *puncti distinguentes* circulares na primeira e segunda linha.

(¹) Agradecemos ao Sr. José Amado, que conserva na sua posse o fragmento aqui estudado, todas as informações relativas ao contexto em que foram encontradas as inscrições. A inscrição medieval teria gravado a palavra “Cidadelha”.

O I da primeira linha está ligeiramente inclinado. As letras diminuem de tamanho no sentido da altura, sendo as da terceira linha de menores dimensões do que as da primeira e segunda linhas.

O traço vertical direito do segundo A da linha do meio segue a mesma linha de simetria que o A da primeira linha parecendo terem sido gravados a partir do mesmo molde. A perna direita destes A está mais inclinada do que a perna esquerda.

No início e no final da terceira linha advinham-se outros caracteres, desaparecidos pela fragmentação da pedra. O G parece gravado a partir do C. O travessão do T é curto.

A constância dos espaços interlineares e a regularidade das letras denota um certo esmero na execução gráfica sentindo-se a presença de linhas auxiliares para prévia ordenação da escrita.

O maior tamanho das letras da primeira linha em relação às outras pode estar relacionado com o destaque que se pretende dar aos primeiros nomes (ou seria para estar num local alto e, portanto, ser visto de baixo para cima?).

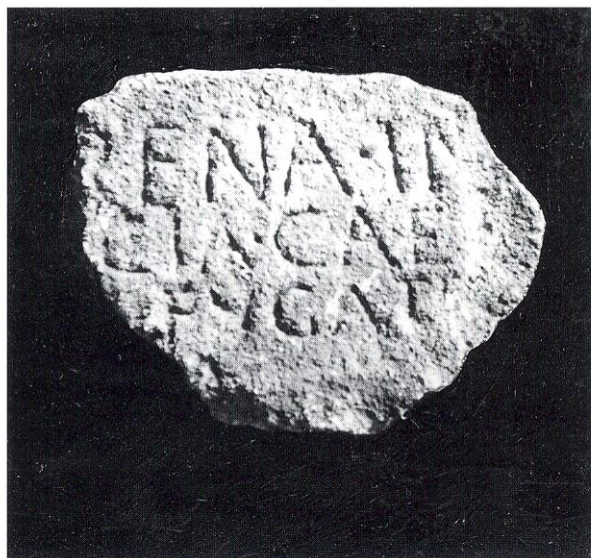
A interpretação da epígrafe é muito difícil devido à fragmentação nos dois lados. No entanto, poderão estar alguns antropónimos, apenas adivinháveis pelas letras que restam. Assim, na 1.^a linha poderiam estar nomes como *Caburena* ou *Arrena*, antropónimos frequentes na Lusitânia.

Na segunda linha poderiam estar nomes como *Caerius*, *Caesarus*, *Caessius*, *Caeleus*, *Caelianus*, *Caenus* (há um *Caenoni* em Parada, Almeida), entre os antropónimos mais frequentes na Lusitânia, ou mesmo a palavra *Caesar*.

Quanto às outras letras visíveis não cremos ser possível vislumbrar o seu significado, tendo em conta os elementos disponíveis. Apenas poderemos lançar a hipótese, pouco consistente, do *F* (*ecit* ?) *V* (*otum*?) na terceira linha apontando para a possibilidade de estarmos perante uma epígrafe votiva.

No mesmo local onde foi encontrada a inscrição existem frisos, certamente de um edifício monumental e fustes de colunas, elementos que parecem ter sido reaproveitados na muralha medieval.

MANUEL SABINO PERESTRELO



272

MARCA DE OLEIRO DO MANIGOTO (PINHEL)

Na Quinta da Urgueira, junto à ribeira do Espeto, Manigoto, encontrou-se um fragmento de tijolo ou *tegula* com marca impressa. Os vestígios romanos neste local são abundantes nomeadamente cerâmica de construção, cerâmica comum, escória, pesos de tear e mós circulares⁽¹⁾.

A superfície oposta à marca é muito rugosa enquanto a que apresenta a marca é alisada. A pasta, de cor castanha avermelhada clara (CAILLEUX, N 49), contém abundantes elementos não plásticos (cerca de 40 %) de grande calibre. A marca, em cartela rectangular, está incompleta.

Dimensões máximas: 22,5 x 21,5 x 2,5 cm.

Dimensões da marca: 11,5 x 2,7 cm.

As letras da marca estão muito desgastadas e, por isso, a sua leitura é meramente hipotética:

L IIII [...]

L(*egio?*) IV ...?

As letras, em relevo, altas e direitas, de boa qualidade, ocupam toda a largura da cartela. Mais de metade das letras são praticamente imperceptíveis.

Estaremos perante uma marca militar (de uma legião) ou de um oleiro particular? A hipótese de uma legião nesta região da Península é tentadora mas, por enquanto, não temos dados suficientes que o comprovem. Não é raro encontrar, nos vestígios de instalações militares, estampilhas com nomes de legiões ou coortes que realizaram as suas próprias construções⁽²⁾.

⁽¹⁾ O fragmento de tijolo ou *tegula* está depositado no Museu do Manigoto, juntamente com outros materiais recolhidos nesta estação.

⁽²⁾ ADAM, Jean-Pierre, (1996), *La construccion romana, materiales y tecnicas*, Editorial de los Oficios, Leon, p. 67

É provável que neste terreno tenha existido um forno de materiais de construção, junto a uma linha de água e a uma nascente.

Segundo Adam⁽³⁾, os ladrilhos fabricados até ao século I d. C. levavam apenas uma breve inscrição que simplesmente referia o nome do fabricante enquanto na época de Trajano as marcas poderiam já referir o nome do proprietário do terreno donde procedia a argila até ao monumento a que era destinado o material.

MANUEL SABINO PERESTRELO



273

⁽³⁾ ADAM, Jean-Pierre, (1996), *La construcción romana, materiales y técnicas*, Editorial de los Oficios, Leon, p. 67.

PESO DE TEAR EPIGRAFADO DE TOMAR

(*Conventus Scallabitanus*)

Peso de tear encontrado durante sondagens arqueológicas realizadas em Julho de 1952, no Cerrado de João do Couto, em Tomar⁽¹⁾; nessa área, durante a década de 80, viriam a ser detectadas as estruturas do *Forum de Seilium*⁽²⁾. Integra a colecção da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo, estando depositado no Convento de Cristo (Tomar).

A peça está completa, tendo sofrido algum desgaste; tem um formato tronco-piramidal, com secção rectangular e dois orifícios cilíndricos (0,8 cm de diâmetro) com um sulco à sua volta; apresenta cor de tijolo. Corresponde ao grupo III, classe A, da tipologia estabelecida para os pesos de Conimbriga⁽³⁾.

Dimensões: 14 x 6/8 x 3,7/4,7. Topo: 6 x 4; base: 7 x 4.

Peso: 800 gramas.

BOL(...?)

De Bol(...?).

Altura das letras: 2,5 / 3.

(¹) Vide Eugénio Sobreiro de Figueiredo e Silva, «Escavações arqueológicas no Cerrado de João do Couto em Tomar», *Anais dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*, vol. III, Tomar, 1951, p. 44-52, com desenho do peso e da marca (p. 49), associado a outros objectos encontrados durante as sondagens; recentemente, Carlos Batata, *As Origens de Tomar – Carta Arqueológica do Concelho*, Tomar, 1997, publicou uma foto da peça (p. 204), sem a estudar, indicando a villa de Cardais (situada nos arredores de Tomar) como local de proveniência da mesma, certamente por lapso.

(²) Cf. Salete da Ponte, «Estação arqueológica na Rua Carlos Campeão: relatório preliminar de 1982/83», *Arqueologia na Região de Tomar*, 1, 1985, p. 89-101; Salete da Ponte, «Achegas sobre a estrutura urbana de Sellium (Tomar)», *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*, vol. II, Vigo, 1993, p. 447-459 (esp. p. 449-450 e 456-457)

(³) Vide Jorge Alarcão et alii, *Fouilles de Conimbriga*, vol. VII, 1979, p. 62-63.

Os caracteres são actuários e foram gravados no topo superior do peso, com um objecto cortante, antes da cozedura: B bem gravado, idêntico ao B de uma marca de peso de tear, de Conimbriga, proveniente de uma camada da época flaviana, cujo horizonte cronológico pode ir até ao fim do século I d. C.⁽⁴⁾; O não completamente fechado na zona superior, gravado com ductus de cima para baixo. A terceira letra, gravada em dois movimentos, é formada por um traço vertical e um traço oblíquo, assemelhando-se vagamente a um A sem barra; no entanto, atendendo à estreiteza da letra, afigura-se-nos mais provável a presença de um lambda, pelo que sugerimos a ocorrência de um antropónimo abreviado, com o radical Bol-.

A epigrafia da *civitas* de *Seilium* não apresenta nenhum antropónimo com tal radical, mas as escavações realizadas na vizinha Conimbriga forneceram marcas cerâmicas com o radical Bol-, interpretadas como abreviaturas de Bolosea, antropónimo indígena⁽⁵⁾. Segundo Abascal Palazón, registam-se duas ocorrências deste nome na Lusitânia⁽⁶⁾: Bolosea Pelli f. (CIL II 834; Oliva de Plasencia, Cáceres) e Bolosea Brevi f. (CIL II 881 + HAE 413; S. Martín del Castañar, Salamanca).

A epigrafia do território peninsular apenas regista mais dois antropónimos com o radical Bol-, ambos documentados na Lusitânia (cf. Abascal Palazón, op. cit., p. 302): Bolosa/-ius/us, com três ocorrências (CIL II 440 — Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova: Bolosa Toutoni f.; AE 1971, 146 — Badajoz: Bolosa Vapi f.; HAE 1108r + ILER 4616 — Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova: Celer Bolosi f.), certamente aparentado com Bolosea; Bolbius/us, com uma única

⁽⁴⁾ Robert Étienne e Georges Fabre, «Épigraphie», in Fouilles de Conimbriga, vol. II, Paris, 1976, n.º 393.

⁽⁵⁾ Robert Étienne e Georges Fabre, «Épigraphie», in Fouilles de Conimbriga, vol. II, Paris, 1976: n.º 329, grafito em cerâmica comum — Bol(oseae); n.º 393, grafito em 2 pesos de tear — Bol(oseae).

⁽⁶⁾ Juan Manuel Abascal Palazón, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 302. Na indicação das referências bibliográficas de cada inscrição citada utilizam-se as seguintes siglas: AE = L' Année Épigraphique, Paris (indica-se o ano e o número da inscrição); CIL = Corpus Inscriptionum Latinarum (indica-se o volume e o número da inscrição); HAE = «Hispania Antiqua Epigraphica», Madrid (indica-se o número da inscrição); ILER = José Vives, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972 (indica-se o número da inscrição); IRCP = José d' Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984 (indica-se o número da inscrição).

ocorrência no mundo romano, igualmente na Lusitânia (IRCP 66 — Bensafrim, Lagos: Arbura Bolbi f.)(⁷). Note-se que, tal como Bolosea, estes antropónimos são usados como nome único, em contexto indígena, ocorrendo apenas na Lusitânia.

Face aos poucos paralelos onomásticos documentados na Hispania, é provável que estejamos perante a abreviatura de Bolosea ou de um antropónimo indígena aparentado (Bolosia, Bolosius/-us). De qualquer modo, o grafito documenta certamente o cognomen, abreviado e em genitivo, do proprietário da oficina que produziu o peso de tear; tendo em conta as marcas de Conimbriga já referidas, talvez não seja despiciendo considerar a hipótese de uma relação da marca seiliense com aquela cidade lusitana.

Propõe-se uma datação em torno da 2.^a metade do século I d.C., atendendo aos paralelos paleográficos conhecidos(⁸).

LUÍS DA SILVA FERNANDES

(⁷) A epigrafia extrapeninsular regista diversos antropónimos latinos com o radical Bol-: cf. I. Kajanto, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982, pp. 181, 199 e 207; H. Solin e O. Salomies, *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hilesheim – Zurich – New York, 1988, p. 36 (gentilícios).

(⁸) Agradecemos ao Prof. Doutor José d' Encarnação o seu gentil contributo para a elaboração do presente texto.



Foto: JUDITE MIRANDA